

Educação musical terapêutica: um novo conceito em educação musical?

José Davison da Silva Júnior, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Resumo

O principal objetivo da educação musical é ensinar música através do envolvimento direto com a música. No entanto, o engajamento musical favorece não apenas o desenvolvimento de conhecimentos musicais, mas proporciona benefícios psicológicos, que vão além dos conteúdos musicais. Nesse sentido, esse texto tem como objetivo apresentar o conceito de educação musical terapêutica, ou seja, uma prática de ensino e aprendizagem musical no qual o educador musical tem como objetivo primário o ensino da música e como objetivo secundário os benefícios psicológicos. As aulas de música favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas não musicais e isso está diretamente relacionado com o tema música, saúde e bem-estar. A educação musical pode ultrapassar seu objetivo primário, alcançando benefícios psicológicos, seja através de pequenos aumentos de curta duração nas habilidades cognitivas não musicais, seja nos efeitos psicológicos e sociais ligados à emoção e identidade. A educação musical terapêutica não se confunde com a musicoterapia nem com a educação terapêutica, mas é uma prática realizada pelo educador musical que sempre terá a aprendizagem musical como principal objetivo.

Palavras-chave: educação musical terapêutica; benefícios não musicais; efeitos terapêuticos.

A música tem sido utilizada em vários contextos e com diversos objetivos. Algumas áreas têm utilizado a música com objetivos terapêuticos, como a musicoterapia e a música na medicina. Outras áreas, como a educação musical, utiliza a música com fins educacionais. Porém, o envolvimento direto com a música através das atividades musicais proporcionadas pela educação musical pode trazer benefícios que vão além da aprendizagem musical.

Neste texto, introduzimos o conceito de educação musical terapêutica, a partir dos benefícios cognitivos não musicais que as aulas de música proporcionam, assim como a presença da educação musical no tema música, saúde e bem-estar. Falar do efeito terapêutico da música no contexto da educação musical é tratar da universalidade da música e seu potencial de influenciar nossos sentimentos e pensamentos.

Uma razão para o crescente reconhecimento dos benefícios potenciais da intervenção musical na população em geral em contextos diversos, incluindo a educação musical, é o considerável avanço na pesquisa que investiga os efeitos da música em várias medidas de saúde.

Aulas de música e benefícios psicológicos

O principal objetivo da educação musical é ensinar música, “é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais de nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações de culturas mais distantes” (Hentschke; Del Ben, 2003, p. 181). As intervenções do professor de música não têm como objetivo primário os benefícios psicológicos. No entanto, as aulas de música podem ter benefícios psicológicos para os estudantes, relacionados ao desenvolvimento de habilidades cognitivas não musicais e à saúde e bem-estar.

De acordo com Schellenberg e Weiss (2013), o termo habilidade cognitivas ou habilidades não musicais refere-se a todos os aspectos da cognição que não estão diretamente relacionadas à conteúdos ou conhecimentos musicais, tais como memória, linguagem, habilidades espaciais e inteligência em geral. Com o objetivo de responder se as pessoas apresentam um desempenho superior em outras habilidades cognitivas quando comparadas com pessoas sem treinamento musical em áreas que não estejam relacionadas com habilidades musicais, bem como se um melhor desempenho em alguma habilidade cognitiva não musical pode ser consequência das aulas de música, Schellenberg (2016) sintetizou as principais descobertas sobre as associações entre treinamento musical e habilidades não musicais em duas categorias: 1) habilidades cognitivas específicas (percepção da fala, outras habilidades de linguagem, habilidades espaciais, habilidades matemáticas) e; 2) habilidades cognitivas gerais (Quociente de Inteligência - QI e sucesso acadêmico, memória e funcionamento executivo).

Embora seja razoável afirmar que as aulas de música aumentem as habilidades de escuta em geral e as habilidades da percepção da fala em particular, existe pouca evidência a esse respeito. Da mesma forma, há alguma evidência que as aulas de música aumentem o vocabulário e as habilidades necessárias para a leitura. Entretanto, pelo fato de as intervenções durante as pesquisas para comprovar essa relação sejam quase diárias e as condições da pesquisa serem bem específicas, não está claro se os resultados dos estudos poderiam ser generalizados para outras situações de aprendizagem musical ou para outras medidas de habilidade de linguagem (Schellenberg, 2016).

Schellenberg (2016) afirma que estudos mostram uma associação positiva entre treinamento musical e habilidades espaciais. Todavia, essa evidência não exclui a possibilidade que crianças com boas habilidades espaciais sejam mais propensas a terem aulas

de música do que outras crianças cujas habilidades espaciais não sejam tão boas. O autor também afirma que não existem evidências consistentes que façam associações entre o treinamento musical e habilidades matemáticas. Quando tais associações são feitas, elas poderiam acontecer pelo fato de que indivíduos com alto funcionamento cognitivo poderiam ser mais propensos a ter aulas de música, e assim, ter um melhor desempenho em testes de matemática.

Após a realização de pesquisa experimental, Schellenberg (2004) mostrou que o treinamento musical causa pequenos aumentos no QI. Costa-Giomi (2012) observa que há pouca evidência que apoie a ideia de que os benefícios intelectuais associados com as aulas de música sejam de longa duração. Estudos realizados pela autora mostram que estudar música por um ano, por exemplo, de fato aumenta o desempenho em tarefas de habilidades cognitivas. Entretanto, os resultados dos estudos indicam que esse aumento é pequeno e temporário. O aumento nos testes de habilidades cognitivas não tem a duração superior a dois anos.

De acordo com Costa-Giomi (2012), os achados que os benefícios intelectuais das aulas de música são apenas temporários têm importantes implicações para a educação musical de crianças. As vantagens intelectuais ou os benefícios cognitivos não musicais que as crianças adquirem com as aulas de música são de curta duração. Tais vantagens, entretanto, podem ser valiosas em ambientes terapêuticos ou educacionais que exigem melhorias observáveis a curto prazo. Ou seja, as vantagens cognitivas das aulas de música estão relacionadas à saúde bem-estar.

Creech et al (2013) afirma que as atividades musicais em um contexto de educação musical têm fornecido uma base para o aumento da coesão social, prazer, desenvolvimento pessoal e contribui para a recuperação da depressão e manutenção do bem-estar entre os idosos. Hallam (2010) comenta que um objetivo recorrente da educação musical é facilitar oportunidades para auto expressão, permitindo que os indivíduos expressem suas próprias emoções, sentimentos e identidade através da música.

Percebemos que a educação musical pode ultrapassar seu objetivo primário, alcançando benefícios psicológicos, seja através de pequenos aumentos de curta duração nas habilidades cognitivas não musicais, seja nos efeitos psicológicos e sociais ligados à emoção e identidade. Por exemplo, o propósito de uma aula de piano é desenvolver as habilidades no instrumento musical, mas as aulas de música podem ter efeitos secundários para os alunos, efeitos terapêuticos, relacionados à saúde e bem-estar.

Educação musical terapêutica

Ao caracterizar o quadro conceitual para música, saúde e bem-estar, MacDonald, Kreutz e Mitchell (2012) incluem a educação musical como uma de suas áreas, juntamente com a musicoterapia, música na medicina, música comunitária e o uso da música no dia a dia. MacDonald (2013) descreve a educação musical como um de seus elementos chave. Em muitos contextos, a educação musical é definida com foco no desenvolvimento de habilidades musicais. Apesar de a função primária da educação musical não ser terapêutica ou social, muitos educadores musicais estão interessados nos amplos benefícios do ensino da música.

A partir da compreensão que o objetivo primário da educação musical é ensinar música e que o objetivo secundário pode ser alcançar benefícios psicológicos ou efeitos terapêuticos, podemos nomear essa intervenção educacional de educação musical terapêutica, na qual o educador musical busca, através do ensino da música, alcançar benefícios que vão além do aprendizado dos conteúdos musicais. Denominamos, assim, educação musical terapêutica o alcance de benefícios psicológicos como objetivo secundário da educação musical durante ou após um processo de ensino e aprendizagem musical feito por um educador musical.

Em uma pesquisa experimental na qual foram realizadas atividades musicais no contexto da educação musical, Silva Júnior (2016) envolveu idosos em atividades de escutar música, cantar, marcar o pulso e improvisar no pandeiro. O repertório selecionado foram canções populares da época em que os idosos eram adolescentes. Essa atividade teve como objetivo primário a vivência musical, a composição, através da improvisação no pandeiro, a performance através do cantar e a apreciação musical. O objetivo secundário foi aumentar a memória autobiográfica dos idosos com a utilização de um repertório familiar. Falar no aumento da memória autobiográfica em um contexto de educação musical com idosos significa dizer que a educação musical foi além dos conteúdos musicais, à medida que se preocupou com os efeitos que o envolvimento com a música poderia causar. Nomeamos essa prática de educação musical terapêutica.

Vale destacar que a educação musical terapêutica não se confunde com a Musicoterapia, que é uma modalidade terapêutica que utiliza a música com objetivos terapêuticos. Na Musicoterapia, o objetivo terapêutico com a utilização da música como o principal recurso é o principal objetivo desta modalidade terapêutica (Bruscia, 2000). A educação musical terapêutica, conforme aqui definida, também se diferencia da educação

terapêutica, a qual aparece no contexto do cuidado dos músicos, na área da saúde, como por exemplo, na prevenção de lesões musculoesquelético em pianistas (Smieszchalska; Spencer, 2015). Também não se assemelha da definição dada por Passarini et al. (2012), os quais compreendem que na educação musical terapêutica há uma complementariedade entre as técnicas da educação musical e da musicoterapia; o profissional é chamado de professor-musicoterapeuta e é uma prática comum da educação musical e da musicoterapia.

Em um primeiro momento pode parecer estranho falar em efeito terapêutico no contexto da educação musical, pois isso nos leva a pensar na musicoterapia. Todavia, a educação musical terapêutica faz parte da educação musical no momento em que o educador vai além dos conteúdos musicais e visa alcançar benefícios psicológicos com o ensino da música. A educação musical terapêutica é feita por um educador musical e sempre terá como objetivo primário o ensino da música.

Referências

- Bruscia, K. E. *Definindo musicoterapia* (2000). Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros.
- Costa-Giomi, E. (2012). Music instruction and children's intellectual development: The educational context of music participation. In: Macdonald, R.; Kreytz, G.; Mitchell, Laura (ed.). *Music, health, & wellbeing*. New York: Oxford University Press, p. 339 – 355.
- Creech, A.; Hallam, S.; Pincas, A.; Mcqueen, H.; Varvarigou, M. (2013). The power of music in the lives of older adults. *Res, Stud. Music Educ.* 35, 87-102.
- Dabback, W. M.; Smith, D. S. (2012). Elders and music: empowering learning, valuing life experience, and considering the needs of aging adult learners. In: McPherson, G. E., Welch, G. F. (ed.). *The oxford handbook of music education*, volume II. New York, Oxford University Press, p.229-242.
- Hallam, S. (2010). Music education: the role of affect. In: Juslin, P. N., Sloboda, J. *Music and emotion: theory, research, applications*. New York: Oxford University Press, p. 791-817.
- Hentschke, L.; Del Ben, L. (2003). Aula de música: do planejamento e avaliação à prática

- educativa. In: Hentschke, L.; Del Ben, L. (orgs). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna.
- MacDonald, R.; Kreytz, G.; Mitchell, Laura (ed.) (2012). *Music, health, & wellbeing*. New York: Oxford University Press, p. 339 – 355.
- MacDonald, R (2013). Music, health, and well-being: a review. *International Journal Qualitative Studies Health Well-being*, v. 8. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3740599/> Acesso em 29 nov 2016.
- Passarini, L. B. F.; Aoki, T. T.; Prearo, P. M.; Andrade, A. L. (2012). A educação musical no desenvolvimento das crianças: trilhas da musicoterapia preventiva. In: Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, 14, 12, 2012. Olinda. *Anais...* Olinda, p. 139-149.
- Schellenberg, E.G.; Weiss, M.W. (2013). Music and cognitive abilities. In D. Deutsch (Ed.), *The psychology of music* (3rd ed., pp. 499-550). Amsterdam: Elsevier. Em: <http://www.erin.utoronto.ca/~w3psygs/SchellenbergWeissPoM.pdf> Acesso em 31 07 2013.
- Schellenberg, E.G. (2016). Music training and nonmusical abilities. In: Hallam, S.; Cross, I.; Thaut, M. (ed). *The Oxford handbook of music psychology*. Second edition. New York: Oxford University Press, p. 415-429.
- Silva Júnior, J. D. (2016). *Memórias autobiográficas evocadas pela música: um estudo com idosos*. 132 f. 2016. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia.
- Smieszchalska, J.; Spencer, M. (2015). Influence of therapeutic education and musculoskeletal injury prevention on pain experienced by participants of the XVII Internacional Frederic Chopin Piano Competition – Pilot study. In: International Symposium Learning and Teaching Music in the Twenty-First Century: The contribution of Science and technology, 1, 2015, Montreal, *Annals...* Montreal, p. 30.